

Como é possível laboratório com vírus da varíola na RAS

— interroga a RPM na 36.ª Assembleia Mundial da Saúde

N. 11/5/83
p.1

O membro do Comité Central do Partido Frelimo e Ministro da Saúde, Pascoal Mocumbi, denunciou, em Genebra, a condescendência de entidades proeminentes na arena internacional em relação ao regime de Pretória, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS), que autorizou a instalação do laboratório para a conservação do vírus da varíola em território do «apartheid».

Pascoal Mocumbi falava em representação do nosso País na 36.ª Sessão da Assembleia Geral daquela organização mundial, que esteve recentemente reunida na Suíça. O Ministro moçambicano exigiu explicações sobre o reconhecimento do Laboratório de Sandriga, na África do Sul.

Esse laboratório é o terceiro que, no Mundo, está autorizado a manter o vírus da varíola, após a erradicação desta doença no nosso Planeta.

— É com profunda admiração e preocupação que constatámos, no Parágrafo 180 do relatório do Director Geral, a informação que um dos três laboratórios de reserva do vírus da varíola está localizado na África do Sul — disse o Ministro Mocumbi, para mais adiante questionar o assunto nestes termos:

— Não compreendemos como um membro suspenso da nossa organização, por razões por demais conhecidas em todo o Mundo, pode oferecer o mínimo de condições de segurança para tão importante arma.

A despeito desta convivência de, mesmo reconhecendo a África do Sul como um país racista e desestabilizador da região Austral do Continente, a OMS insistir em colocar na pátria do «apartheid» o terceiro laboratório mundial para a conservação do vírus de varíola, o Ministro Mocumbi indagou:

— Exigimos explicação, as razões que levaram a esta decisão. Será que o Laboratório de Sandriga passa a constituir um dos laboratórios de referência da OMS?

Ao analisar a situação da nossa região, o Ministro Mocumbi disse que o imperialismo continua, através da sua máquina executiva — o «apartheid» — a cometer atrocidades das mais hediondas. Segundo o Ministro da Saúde de Moçambique, a RAS arma bandidos, mercenários e marginais para a destruição de alvos económicos dos países vizinhos e para assassinatos de mulheres, homens, jovens e crianças indefesas.

— Como é que um país destes pode merecer confiança da nossa organização? Como é que numa altura em que mesmo os desportistas condenam e se recusam a participar em competições na RAS, nós, a OMS, aceitamos esta manobra? — interrogou Pascoal Mocumbi.

Quase a terminar o seu discurso, durante os trabalhos da 36.ª Sessão da Assembleia Geral da OMS, aquele membro do Governo moçambicano disse que, face aos problemas políticos, sociais e económicos que o imperialismo impõe contra o bem-estar e progresso social dos povos, os membros se devem unir ao lado dos povos da África do Sul e da Namíbia e de todos os da região austral do Continente para aniquilar de uma vez por todas o «apartheid» na África do Sul.

Pascoal Mocumbi atribuiu particular importância ao encontro que decorria na Suíça, apelando a todos os seus membros para que garantam a aplicação da resolução da ONU, relativamente à denúncia, condenação e isolamento do regime racista de Pretória e no reforço do apoio aos povos namíbio e sul-africano na sua luta pela independência e restauração da dignidade humana.